

## INTRODUÇÃO SOBRE A NOÇÃO DE VALOR NA LITERATURA <sup>1</sup>

**Bruna Schaefer**

Universidade Federal da Fronteira Sul  
brunaa\_schaefer@hotmail.com

*Eixo 08: Linguística, Letras e Artes.*

### Resumo:

O presente trabalho possui o objetivo de realizar uma introdução ao entendimento do valor da literatura e da forma com que isso é visto e aplicado na sociedade, para isso, estabelece os seguintes objetivos específicos: compreender o papel da literatura de massa em meios acadêmicos e na sociedade; esclarecer a noção de valor na literatura; avaliar como as teorias eurocentristas influenciam nesse tema; e realizar uma análise de perspectivas para o futuro ao considerar essa temática. Esta pesquisa possui caráter bibliográfico e prevê em sua organização pequenos itens subdivididos. Tem-se como principal resultado que o estabelecimento de “valor” à literatura e determinados textos possui uma origem eurocentrista e até os dias atuais ainda é uma área bastante conservadora, ou seja, que tem muito a melhorar/crescer – principalmente com a valorização de teorias que dão abertura/espço para a literatura popular/de massa.

**Palavras-chave:** Eurocentrismo. Literatura de Massa. Valor.

### Introdução

Durante muitos anos, as produções literárias populares foram estereotipadas e menosprezadas em centros de estudos literários, sendo que somente textos classificados como “cultos” tinham valor suficiente para serem pesquisados. Entretanto, nos últimos tempos, esse cenário vem sendo questionado e repensado por diversos estudiosos<sup>2</sup>, que ao compreenderem novos sentidos para essas produções, passam a abrir novas possibilidades para o estudo da literatura denominada “de massa”.

<sup>1</sup> Parte de minha pesquisa atual que estou desenvolvendo no Mestrado em Estudos Linguísticos.

<sup>2</sup> Como por exemplo Daniel Link ao propor que o sentido na leitura é constituído na relação entre o texto e o leitor, ou seja, não dependendo somente do conteúdo para definir um “valor” de uma determinada obra, mas sim também constatações subjetivas e individuais.

A ideia de “valor na/para a literatura” é complexa pois depende de vários fatores e perspectivas que foram construídas ao longo dos anos na sociedade. Neste trabalho, o objetivo geral é realizar uma introdução ao entendimento do valor da literatura e da forma com que isso é visto e aplicado na sociedade. Para isso, é necessário adentrar em alguns pontos singulares, que nos ajudam a compreender o todo.

### **O papel da literatura de massa em estudos acadêmicos e na sociedade**

Mesmo com inúmeros avanços em distintas áreas de estudo/pesquisa, atualmente algumas instituições de ensino, grades curriculares e professores ainda resistem em incluir textos relativos à cultura de massa pois os compreenderem sem “potenciais significativos”. Normalmente, quando se diz respeito ao valor, a literatura é dividida em dois blocos de diferentes valores intelectuais: “cultura” ou “de massa”. Para a realização desse estudo é considerada a concepção de literatura a partir de Antônio Candido, que menciona em seu texto “Direito à Literatura”:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional e dramático, em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 1995, p. 242).

Dessa forma, tanto textos considerados eruditos quanto os reconhecidos como populares serão considerados produtos relevantes e significativos para estudos acadêmicos e fins proveitosos na sociedade, pois ambos possuem marcas importantes para o estudo da literatura brasileira. Bosi (1992, p. 10) afirma que tanto a cultura erudita quanto a popular ou de massa “guardam certa capacidade de resistência, intencional ou não. Resistência pressupõe, aqui, diferença: história interna específica; ritmo próprio; modo peculiar de existir no tempo histórico e no tempo subjetivo”, ou seja, as duas categorias possuem relevâncias individuais e significativas.

Por muito tempo, existiu uma determinada preocupação por classes conservadoras e dominantes do status quo, ao acreditarem que, a cultura de massa, ao receber grande destaque na sociedade, tomou lugar da cultura culta. Assim, da mesma maneira ocorreu essa situação no campo da literatura, ao considerar que alguns estilos literários poderiam ser substituídos

por outros. Em relação a isso, Eco (2004, p. 44-48) menciona uma importante questão em seu livro “Apocalípticos e Integrados”, apresentando pontos positivos e negativos associados ao fenômeno da cultura de massa, sendo que, para defendê-lo, argumenta:

[...] b) A execrada cultura de massa de maneira alguma tomou o lugar de uma fantasmática cultura superior; simplesmente se difundiu junto a massas enormes que, tempos atrás, não tinham acesso aos bens de cultura. O excesso de informações sobre o presente com prejuízo da consciência histórica é recebido por uma parte da humanidade que, tempos atrás, não tinha informações sobre o presente (e estava, portanto, alijada de uma inserção responsável na vida associada) e não era dotada de conhecimentos históricos, a não ser sob forma de esclerosas noções acerca de mitologias tradicionais [...]; h) Os *mass media* oferecem um acervo de informações e dados acerca do universo sem sugerir critérios de discriminação; mas, indiscutivelmente, sensibilizam o homem contemporâneo face ao mundo; e na realidade, as massas submetidas a esse tipo de informação parecem-nos bem mais sensíveis e participantes, no bem e no mal, da vida associada, do que as massas da antiguidade, propensas a reverências tradicionais face a sistemas de valores estáveis e indiscutíveis (ECO, 2004, p. 44-48).

Como mencionado por Umberto Eco, a cultura de massa oferece informações sem critérios de discriminação, abrem o horizonte dos sujeitos para o conhecimento, tornando-os mais participantes do que antigamente. E quando pensamos na cultura de massa na literatura seguimos essa mesma perspectiva. Para compreender de fato a cultura e a literatura, um indivíduo precisa conhecer todas as formas de expressão e estilo, pois como bem menciona Alfredo Bosi, “Não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos” (BOSI, 1992, p.7), então, não se sustenta a ideia de menosprezar alguma categoria, mas sim, estudá-la e compreendê-la.

Todas as culturas, todas as formas de expressão são válidas. Os direitos humanos preveem que todo e qualquer indivíduo tenha sua liberdade cultural assegurada e que não seja discriminado por sua classe, raça, cor ou qualquer outro aspecto. Como previsto no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos, é necessário que os conhecimentos sobre esse tema cheguem até a todos os níveis de escolaridade: ensino básico, ensino superior, etc. Então por qual motivo com a literatura seria diferente? Compreende-se que a literatura de cunho popular/de massa possui uma desvalorização pelos centros de estudo acadêmicos e isso tem um porquê: “O Valor” é um conceito trabalhado no livro O Demônio da Teoria - Literatura e senso comum, escrito pelo crítico literário francês Antoine Compagnon e publicado em 1999. Na obra, o autor afirma que “O público espera dos profissionais da literatura que lhe digam quais são os bons

livros e quais são os maus” e, nesse sentido, para contrariar essa subjetividade que originava as opiniões/recomendações “A história literária, como disciplina universitária, tentou livrar-se da crítica, acusada de impressionista ou dogmática, substituindo-a por uma ciência positiva da literatura” (COMPAGNON, 1999, p.225).

Além disso, expõe a complexa situação que envolve o meio acadêmico e o meio jornalístico desde tempos pretéritos da teoria literária. Em que opiniões sem vínculos ou embasamentos com a teoria eram desvalorizados de modo geral. Nesse sentido, Antoine menciona que o público científico possui como base a objetividade e já o público crítico a subjetividade. Isso apresenta uma parte da construção do que hoje, na atualidade, conhecemos como concepção de valor de uma obra literária. Para o público da crítica literária/jornalístico, de acordo com Compagnon (1999, p. 226): “O valor [...] depende de uma reação individual: como cada obra é única cada indivíduo reage a ela em função de sua personalidade incomparável”, mas essa perspectiva não é facilmente aceita e por isso, o professor passa grande parte seguinte do texto descrevendo a história do cânone e o valor destinado aos textos literários de acordo com a linha de pensamento ou corrente/período literário.

Desse modo, eis duas teorias contrárias: objetivismo e subjetivismo; para, por fim, ser proposta uma possibilidade de relativismo moderado, que abrange compreender os cânones mas considerar que “O valor literário não pode ser fundamentado teoricamente: é um limite da teoria, não da literatura” (COMPAGNON, 1999, p. 255). Ou seja, todas as obras devem ser consideradas e o valor não deve ser medido somente por questões teóricas, tampouco não somente por questões individuais da recepção de cada sujeito leitor.

Antoine Compagnon propõe uma perspectiva de valor para a literatura que compreende os cânones, mas também os demais textos, em uma obra publicada em 1999. Após isso, outros pesquisadores continuaram investindo nesse assunto e um deles é Daniel Link, um professor, pesquisador e crítico literário Argentino. Link (2002) sugere a “teoria de leitura como relação” em seu texto *Como se lê e outras intervenções críticas*, em que afirma:

“O sujeito *lê* um objeto. Chamemos 1 ao objeto; 2 ao sujeito; 3 à relação entre sujeito e objeto: o que chamamos de leitura é apenas a correlação de duas séries de sentido, uma inerente ao objeto e outra inerente ao sujeito (por acaso a *escuta* é outra coisa?). Se o que aparece é apenas a série de sentidos “que vem” do objeto e apenas do objeto, estamos diante de uma descrição. Se o que se impõe é a série de sentidos do sujeito [...] estamos diante de uma interpretação. Não se trata de “desqualificar” a descrição (o 1) e a interpretação (o 2), mas simplesmente de declará-las limites da leitura (o 3) (LINK, 2002, p. 19).

Ou seja, a partir de Link todos os textos devem ser lidos levando em consideração o texto (objeto) e o leitor (sujeito). Desta forma, nem o texto e nem o leitor possuem um valor maior que o outro, mas sim são equivalentes e tão importantes um quanto o outro para a leitura. Essa perspectiva teórica lançada por Daniel Link proporciona a possibilidade de compreender a relação como o início de uma pesquisa, pois é a partir de uma relação entre 1 e 2 que a leitura é constituída.

Além disso, dessa forma, para Link nenhum texto possui maior reconhecimento que outro, pois todos só estabelecem sentido com a relação do indivíduo. Então, por exemplo, um poema escrito por Fernando Pessoa ou Bráulio Bessa Uchoa (poeta popular brasileiro) teriam o mesmo peso para serem considerados relevantes socialmente, bem como em pesquisas universitárias.

Para compreender o contexto da noção de valor na literatura e o porquê da resistência de academias aderirem às teorias que possibilitam a não distinção entre textos eruditos e populares, é importante compreender a história e a noção do colonialismo. Aníbal Quijano nos explica que a Europa centrou formas de controle em muitos aspectos, entre eles do conhecimento, as subjetividades e o a própria produção de conhecimento.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado. Essa perspectiva e modo concreto de produzir conhecimento se reconhecem como eurocentrismo. [...] Não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica colonizando e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo (QUIJANO, p.121).

Dessa forma o eurocentrismo passa a ser uma possível resposta para o fato de algumas obras terem mais valor no contexto literário do que outras. Muitas vezes somente textos de origem europeia são considerados referências para centros de estudo, assim como a perspectiva do autor desses textos também é levada em consideração por uma visão conservadora de valor. Visando todo levantamento feito até aqui sobre o tema “valor na literatura para instituições e sociedade em geral” é possível compreender que uma mudança é extremamente necessária. Teorias como de Campagnon sobre relativismo moderado ou de Daniel Link sobre a leitura como relação precisam ser consideradas, aceitas e exploradas na sociedade para que, nesse aspecto, a literatura e seu senso de valor possam evoluir.

## Considerações Finais

O presente artigo teve como objetivo fazer uma introdução ao assunto “noção de valor na literatura” e abordou muitos aspectos necessários, desde uma concepção de literatura que acolhe/que é ampla até uma necessidade de aderência à novas teorias.

Ao finalizar o texto percebe-se que o objetivo foi alcançado, pois os temas trazidos são referentes ao assunto e, como proposto desde o início, introduzem ao conhecimento. Funcionam como uma porta de entrada para que outras pesquisas e descobertas sejam instauradas. Sem dúvida esse estudo está somente em seu início. Ainda existem muitas coisas a serem exploradas e estudadas que podem contribuir.

## Referências

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e e técnica, arte e política*. Campinas: Brasiliense, 1987. 1. v.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira: temas e situações*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992. p. 7-15.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: 4. ed. Perspectiva, 2004.
- LINK, Daniel. *Como se lê e outras intervenções críticas*. Chapecó: Argos, 2002.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.